



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional
Patrícia Pereira Tostes

***Reality Show: um curta metragem que aborda o abuso sexual na
infância***

Brasília
Junho de 2017



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

PATRÍCIA PEREIRA TOSTES

Reality Show: um curta metragem que aborda o abuso sexual na infância

Memória apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Freitas

BRASÍLIA-DF 2016

PATRICIA PEREIRA TOSTES

Reality Show: um curta metragem que aborda o abuso sexual na infância

Projeto Experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional.

BANCA EXAMINADORA:

Gabriela Freitas
Orientadora

Michael Peixoto
Examinador

Rose May Carneiro
Examinadora

Carlos Henrique Novis
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por estar comigo em todos os momentos da vida, cuidando do meu caminho e sendo o sentido da jornada.

Agradeço a minha família, em especial, a minha mãe e meu pai posticho José, pelo apoio imensurável, por acreditarem nos meus sonhos e por buscarem viver, junto comigo, uma vida que vale a pena.

Agradeço a meu amigo Pedro Guimarães, por ser tão marcante em minha história e por todo o apoio durante o trabalho.

Agradeço, também, à minha amiga Anna Albernaz, por ser uma das pessoas mais especiais que levo comigo, da Universidade de Brasília para a vida. E ao meu amigo Daniel Flores, por ter me apoiado tanto nesse projeto quanto em outros projetos cheios de sonho e, também, por ser dono de um dos melhores corações que eu já conheci.

Agradeço à produtora Jane Blandina, por ter aceitado entrar nessa empreitada junto comigo, assim como todos as pessoas que compuseram a equipe do *Reality Show*. Nada teria sido possível sem a incrível colaboração de cada um de vocês: esse trabalho não é só meu, é nosso.

Por fim, agradeço aos professores Mike Peixoto, Rose May e Carlos Henrique por concordarem em participar de minha Banca de Defesa de forma tão solícita. Obrigada, Gabriela Freitas, por ser inspiração, e também por me orientar nesse trabalho compartilhando o seu conhecimento comigo.

RESUMO

O *Reality Show* é um curta cuja proposta é abordar a realidade do abuso sexual na infância. Para tanto, foram realizadas oito entrevistas semiabertas com pessoas que já vivenciaram abuso infantil, a fim de criar um roteiro e produzir um curta metragem que trate do assunto. Nesse ponto, decidiu-se optar por uma ficção, embora a fala do personagem principal representasse os fatos reais narrados pelos entrevistados. Esse filme teve como principal objetivo evidenciar as possíveis consequências do abuso sexual infantil em quem foi vítima, sem a pretensão de esgotar o assunto.

Palavras-chave: infância; abuso; reality show; curta metragem; comunicação

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	6
2. PROBLEMA.....	8
3. OBJETIVOS.....	10
4. JUSTIFICATIVA	11
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
6. METODOLOGIA.....	19
7. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
APÊNDICES.....	29

1. APRESENTAÇÃO

O tema "abuso sexual infantil", discutido e concretizado neste trabalho, por meio do curta metragem *Reality Show* é, em si, desafiador. Esta foi uma das motivações para realizá-lo, pois afeta sensivelmente a sociedade, no Brasil e no Mundo. O termo que identifica o problema foi adotado pela OMS (1999),¹ ao referir-se à violência sexual em que a vítima é uma criança ou um adolescente.

Abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em atividade sexual que ele ou ela não compreende completamente, é incapaz de consentir, ou para a qual, em função de seu desenvolvimento, a criança não está preparada e não pode consentir, ou que viole as leis ou tabus da sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado por estas atividades entre uma criança e um adulto ou outra criança, que, em razão da idade ou do desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder. (World Health Organization - WHO, 1999).

O assunto ainda é um tanto quanto polêmico. Ainda assim, têm existido campanhas para conscientização e disseminação do tema, como, por exemplo, a recente ação feita no dia 18 de maio de 2017: o Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes realizada pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNDCA), com o *slogan* "Faça Bonito - Proteja nossas crianças e adolescentes"². A ação convocou a sociedade para assumir a responsabilidade de prevenir e enfrentar o problema do abuso sexual infantil no Brasil.

Para a vítima, criança ou adolescente, é certo que essa violência afetará o seu desenvolvimento de diferentes formas, uma vez que algumas vítimas apresentam efeitos menores, enquanto outras desenvolvem graves problemas emocionais, sociais ou até psiquiátricos, mas as consequências que surgem em decorrência de tal acontecimento na vida de uma pessoa são inevitáveis.

Ninguém contestará que a criança é vítima, ou seja, que ela é sacrificada ao interesse do outro. Quer-se dizer, com isso, que a vítima é sempre portadora de dano? Em matéria de abuso sexual, sabe-se que o traumatismo sofrido pela criança não se pode resumir ao ato sexual propriamente dito. Na criança e no adolescente, quando o abuso sexual é seguido de violência, há sequelas visíveis: equimoses, lacerações, infecções. Mas as sevícias afetivas são as mais difíceis de avaliar: sentimentos [sic] de culpa, angústia, depressão, dificuldade de relacionamento e sexuais na idade adulta etc. (GABEL, 1997, p.9)

Observa-se que a base de relacionamento que se estabelece entre a vítima e o agressor é uma relação de poder, em que o primeiro é submetido ao desejo do outro sem a vítima entenda a real complexidade de seu papel. A criança abusada sexualmente deixa de ser sujeito e passa a ser objeto de prazer do agressor, que

¹ *Definition of sexual abuse*. Disponível em:

http://www.who.int/violence_injury_prevention/resources/publications/en/guidelines_chap7.pdf

² Campanha "faça bonito". Disponível em: <https://www.facabonito.org.br/a-campanha>

ataca a sua vulnerabilidade. No momento em que um pai abusa, por exemplo, ele deixa de ter função de proteção, a criança começa a criar uma imagem distorcida de si própria e suas relações futuras podem ser permeadas de desconfiança e desamparo.

O Brasil apresenta uma carência de dados acessíveis relativos ao abuso sexual na infância, o mais recente encontrado aponta que mais de 17,5 mil crianças e adolescentes podem ter sido vítimas de violência sexual no ano de 2015, quase cinquenta por dia durante um ano inteiro. Os números são relativos às denúncias feitas ao Disque-Denúncia Nacional, o “Disque 100”³. Ainda assim, são muitas as variáveis a serem consideradas, e os números disponíveis dão apenas um perfil geral do problema.

O tema foi abordado na trama mediante o conhecimento de depoimentos sobre casos reais, com a colaboração de pessoas que sofreram algum tipo de abuso sexual em sua infância. A partir desses depoimentos, foi resolvido, por meio de um personagem do filme, trazer um pouco de cada uma dessas histórias.

O *Reality Show* é uma ficção com duração aproximada de dez minutos que surgiu ensejando evidenciar como o abuso sexual na infância marca a vida de quem foi vítima.

³ Dados disponíveis em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/denuncias-de-violencia-sexual-chegam-quase-50-por-dia>

2. PROBLEMA

Na infância, tudo é descoberta: é momento de formação do ser humano. Por isso, infelizmente, traumas sofridos por uma criança tendem a fazer parte da construção da sua personalidade, especialmente por não ter ainda uma completa noção do mundo. As implicações desses traumas na vida do indivíduo adulto são inevitáveis, se não houver um tratamento precoce de seus efeitos, principalmente quando se trata de abuso sexual. No entanto, nota-se que o abuso sexual deve ser classificado, estudado e analisado caso a caso, em razão de que cada um, dificilmente, engloba todas as circunstâncias e características. Outro fator a se considerar nessa análise é que tanto a essência da personalidade individual quanto a sua sexualidade é marcada pela diversidade. Conforme sinaliza Marra (2016), o sofrimento humano em relação a esses fatos é emudecido e, muitas vezes, banalizado e tolerado em todas as camadas sociais, dificultando ações mais conscientes que modifiquem a realidade.

O Estado Brasileiro, sensível à importância de cuidar e proteger essa importante fase de formação de nossa sociedade, introduziu, na Constituição Federal (BRASIL, 1988), os princípios de proteção integral da criança e do adolescente.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988)

O dispositivo constitucional citado traz muitas possibilidades de reflexão. Seu texto sinaliza, claramente, que os direitos da criança e do adolescente são de responsabilidade das gerações adultas. A família, a sociedade e o Estado são explicitamente reconhecidos como as três esferas de garantia desses direitos. Em suma, proteger a infância e a juventude é um papel de todos.

Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), houve mais um avanço nos conceitos legais que envolvem essa temática. A família, a sociedade civil e o Estado foram chamados a participarem mais efetivamente na consolidação da proteção da criança e do adolescente, tomados, a partir desse diploma legal, como pessoas em condição especial de desenvolvimento, detentores de todos os direitos dos adultos, acrescidos de outros inerentes à essa condição especial.

Tendo em vista essa situação, é de se constatar o valor essencial do tema, ou seja, o reconhecimento de que, em qualquer etapa, a criança e o adolescente são seres humanos, e assim devem ser tratados. No que diz respeito à sua importância no contexto da sociedade, ressalta-se o fato de se considerar que cada criança e cada adolescente é um portador do futuro da coletividade, em particular o de sua família, extrapolando-se para o do seu povo e o da humanidade.

Com efeito, as consequências dos abusos sexuais nos seres humanos em formação podem alcançar o campo das psicopatias e sociopatias, quando extremas, mas, no mínimo, podem gerar seres emocionalmente abalados e com certa incapacidade de desenvolver sua afetividade plenamente. Violência gera desconfiança e, por sua vez, a desconfiança, como mecanismo de defesa, pode gerar mais violência, em diversos graus, com sérios reflexos na sociedade.

Portanto, a minha motivação para a realização desse trabalho foi acreditar que a sociedade precisa compreender e questionar se o que está previsto nas nossas leis está sendo garantido para todas as crianças e adolescentes de todas as regiões e classes sociais em nosso país.

Levando em consideração esses dados e que proteção integral da criança e do adolescente é responsabilidade de todos, o problema de pesquisa é: Como o abuso sexual infantil se reflete na vida adulta?

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Comunicar e disseminar, por meio de um produto audiovisual, o problema do abuso sexual infantil na sociedade e suas consequências, que podem ser observadas, já na idade adulta, na vida de quem foi vítima desse tipo de abuso.

3.2 Objetivos Específicos

- Estudar e entender sobre o abuso sexual infantil por meio de coleta de depoimentos de vítimas reais; e
- Realizar um produto audiovisual que aborde o tema de um jeito criativo e não puramente documental, mas que passe uma mensagem que tenha potencial para gerar impacto social.

4. JUSTIFICATIVA

O abuso sexual infantil, devido à elevada incidência e aos sérios prejuízos para o desenvolvimento das vítimas, pode ser tomado pelo Estado como um grave problema, passível de inserir nas políticas públicas de saúde. Reforçando os dados citados na introdução deste trabalho, no Brasil, quase dezoito mil crianças podem ter sido vítimas de abuso sexual em 2015 (mais de cinquenta por dia).

Este trabalho tem em vista, além de alertar as pessoas que tenham acesso ao assunto e, com isso, contribuir para evitar que isso aconteça com outras crianças, busca também ajudá-las a entender que o problema não acaba na infância. As consequências sempre existirão e, certamente, irão afetar a vida adulta daquela vítima, especialmente se não tiver o tratamento para aprender a lidar com o que viveu.

O abuso sexual tem consequências psíquicas que vão além daquelas causadas pelo fato em si. Elas se referem, direta ou indiretamente, aos efeitos do processo legal e seus desdobramentos. (GHETTI et al., 2002 apud ADED et al., 2005,).

Outro fator que dificulta o tratamento das consequências nas crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual é o segredo. Impõe-se às vítimas não falar sobre os fatos, sendo proibidas disso explicitamente, em certos casos, pelo agressor, mas essa proibição, em outros casos, vem, de forma velada, por comunicação não-verbal, especialmente quando o agente e o agredido pertencem à mesma família. Esta situação representa, para a vítima, o temor de sofrer sanções e castigos por parte dos familiares abusadores e o sentimento de que tem nas suas costas a responsabilidade por manter o equilíbrio e a estabilidade da família. Por isso, em muitos casos, mantém o silêncio sobre os abusos sofridos.

A criança que sofre abuso sexual frequentemente é obrigada a não revelar o que está vivendo. Esse processo continua por um longo tempo, configurando-se como um segredo entre ela e o adulto. Esse segredo é sempre reforçado pelas ameaças de violência ou castigos - por ganhos secundários e privilégios que também estão baseados na violência. Muitas dessas crianças nunca tiveram a oportunidade de contar tornando-se infelizes e amarguradas. (MARRA, 2016, p.32)

A partir daí, o processo de reconstrução da personalidade do agredido, depois das situações traumáticas a que foi submetido, está intimamente ligado a fatores como uma estrutura de apoio bem montada, do Governo ou não; um adequado arcabouço legal que garanta sua proteção; o apoio dos que convivem com o abusado; a sustentação de profissionais bem preparados para lidar com os seus problemas emocionais; a capacidade de a sociedade abordar e discutir de forma adequada o tema, desincentivando a tendência a afirmar a culpabilidade do abusado, entre outros.

O curta metragem proposto busca acentuar pontos do problema, ressaltando a importância da comunicação e dos comunicólogos como agentes de disseminação, não só da gravidade de suas consequências para o indivíduo, mas também dos possíveis impactos na sociedade, para que a própria sociedade, multidisciplinarmente,

desenvolva, cada vez mais e mais efetivamente, ações para reduzir seus efeitos e atacar suas causas.

Por fim, a escolha de produzir um filme, com todos os envolvimento emocionais que um audiovisual proporciona, tanto para os produtores e atores quanto para o espectador, traz para mim um componente de reflexão pessoal, forçando-me a reavaliar escolhas e conceitos, entender minha motivação, avaliar meus resultados em termos de transmissão de ideias e de captação pelo interlocutor-alvo. Completa o quadro de autoconhecimento o fato de eu precisar escrever sobre isso e retratar, no papel, com o máximo de fidelidade, o que realizei, reforçando o conhecimento e reflexão sobre meus valores mais profundos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 O ABUSO INTRAFAMILIAR E EXTRAFAMILIAR

Segundo Marra (2016), a sociedade, de modo geral, não gosta de escutar sobre esses segredos nem está preparada para enfrentá-los, embora todos os dias apareça na mídia cenas de abuso sexual. Devido ao constrangimento, o assunto não vinha sendo tratado em doutrina até poucos anos atrás, dificultando, assim, as estatísticas e a comprovação do fato ilícito. Quando o abusador percebe que a criança compreende seus atos como abuso ou algo anormal, tenta inverter os papéis colocando a vítima como culpada por aceitar seus afetos (PFEIFFER E SALVAGNI, 2005 apud HUH, 2011, p. 4,). Isso faz com que a denúncia seja um processo mais difícil para a vítima e por esse motivo, associado a outros aspectos, muitas vezes, ela não acontece.

Para entender melhor as situações em que o abuso sexual infantil sucede, vamos observá-lo da perspectiva de duas condições: o abuso sexual infantil intrafamiliar e o extrafamiliar.

Nesse contexto, foram considerados os dados disponíveis no “Mapa da Violência 2012 – Crianças e Adolescentes do Brasil”, produzido pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CEBELA – e assinado por Júlio Jacobo Weiselfisz (2012). O trabalho em questão analisou dados diversos sobre violência no Brasil em 2011 e, no caso específico do tema deste trabalho, as informações oriundas do SINAN⁴, assinalando que o problema de abuso sexual infanto-juvenil, tomado na faixa etária de <1 a 19 anos, ocorreu, no ano de 2011, mais fora do ambiente familiar do que na família.

Ressalte-se que os dados escolhidos não têm a intenção de focar na evolução estatística do problema, sendo introduzidos neste trabalho como forma de exemplificar a proporção das ocorrências de abuso sexual infanto-juvenil dentro e fora da família em um determinado período. Estatísticas dessa natureza abrem, também, diversas alternativas de estudo do problema, em outras áreas do conhecimento. A evolução dos dados, comparando-se diversos anos, poderia apontar, por exemplo, para os resultados das políticas públicas possivelmente implementadas.

No caso específico deste trabalho observemos a tabela a seguir:

⁴ Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério de Saúde – SINAN. “Sua utilização efetiva permite a realização do diagnóstico dinâmico da ocorrência de um evento na população, podendo fornecer subsídios para explicações causais dos agravos de notificação compulsória, além de vir a indicar riscos aos quais as pessoas estão sujeitas, contribuindo assim, para a identificação da realidade epidemiológica de determinada área geográfica. O seu uso sistemático, de forma descentralizada, contribui para a democratização da informação, permitindo que todos os profissionais de saúde tenham acesso à informação e as tornem disponíveis para a comunidade. É, portanto, um instrumento relevante para auxiliar o planejamento da saúde, definir prioridades de intervenção, além de permitir que seja avaliado o impacto das intervenções”. <http://www.portalsinan.saude.gov.br>, consultado em 18/06/2017.

Tabela 1. atendimentos de crianças e adolescentes por violência sexual registrados pelo Ministério da Saúde em 2011.

Relação c/vítima	Número de atendimentos						Percentual de atendimentos					
	<1	1-4	5-9	10-14	15-19	Total	<1	1-4	5-9	10-14	15-19	Total
Pai	16	283	295	350	112	1.056	10,3	19,5	11,7	8,3	5,6	10,2
Mãe	8	50	57	91	25	231	5,2	3,4	2,3	2,2	1,2	2,2
Padrasto	11	124	316	473	137	1.061	7,1	8,5	12,5	11,3	6,8	10,3
Madrasta	0	5	5	13	0	23	0,0	0,3	0,2	0,3	0,0	0,2
Cônjuge	0	0	0	54	44	98	0,0	0,0	0,0	1,3	2,2	0,9
Ex cônjuge	0	0	0	10	7	17	0,0	0,0	0,0	0,2	0,3	0,2
Namorado	0	0	0	534	113	647	0,0	0,0	0,0	12,7	5,6	6,3
Ex namorado	0	0	0	43	41	84	0,0	0,0	0,0	1,0	2,0	0,8
Irmão	3	53	95	93	25	269	1,9	3,7	3,8	2,2	1,2	2,6
Amigo/conhecido	42	337	838	1.298	435	2.950	27,1	23,2	33,3	30,9	21,6	28,5
Desconhecido	38	106	193	620	891	1.848	24,5	7,3	7,7	14,8	44,2	17,9
Outros	37	494	719	615	185	2.050	23,9	34,0	28,6	14,7	9,2	19,8
Total	155	1.452	2.518	4.194	2.015	10.334	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Tabela 7.3.6 do Mapa de Violência 2012 (WEISELFSZ, 2012, p. 73)

No trabalho estatístico de Weiselfix (2012), os dados mostram que um terço dos abusos notificados foram intrafamiliares, mantendo-se praticamente na mesma proporção em relação ao ambiente extrafamiliar, à medida que se avança nas faixas de idade, como pode ser constatado na Tabela 1. Em números absolutos, a maior parte das ocorrências se situava, ainda, no núcleo familiar básico, neste trabalho considerado como o grupo dos pais, mães, padrastos, madrasas, parceiros e ex-parceiros diretos, que se apresenta com 31,1% do total de casos atendidos pelo Sistema Único de Saúde e registrados no SINAN em 2011.

Como se sabe, o abuso cometido por esse tipo de agente (núcleo básico da família) é considerado por psicólogos e pessoas que estudam o tema como um dos que mais gera consequências psicológicas na criança. Além de vivenciar o fato em si, a vítima experimenta a quebra do que ela achava ser uma relação de confiança, por ser o agente agressor alguém da sua própria família. Tendo sido violadas por indivíduos em que confiam e têm, muitas vezes, como referências pessoais, são obrigadas a calar-se, e, quando muitas vezes denunciam, são sufocadas pela descrença do interlocutor ou pela omissão dos familiares.

5.2 REALITY SHOW: DOCUMENTÁRIO OU FICÇÃO?

O curta metragem, a princípio, seria um documentário, no qual seriam registrados relatos de pessoas que foram vítimas de abuso sexual na infância. Em busca de encontrar um caminho dentro desse universo, foi estudado um dos grandes documentaristas do Brasil, Eduardo Coutinho, retratado por Milton Ohata (2013). Essa escolha em específico se deu porque Coutinho, apesar de trabalhar com documentário, mistura relatos reais e ficcionais em alguns dos seus trabalhos, como no caso do filme “Jogo de Cena”.

Ohata (2013) nos apresenta o pensamento de Eduardo Coutinho, que discorre sobre o “tipo” de documentário criado por ele. Em uma de suas cartas, cita a

expressão “cinema de conversação”, para exemplificar a sua ideia, em busca de um momento natural de troca de experiências pela fala-olhar. Coutinho afirma que, apesar de ainda existir uma ideia prévia para presidir a construção da filmagem, essa ideia acaba sendo encarada com uma hipótese de trabalho, que será testada na prática no encontro com os personagens de carne e osso. Afirma Coutinho:

Nesse sentido, nunca fiz roteiros de documentários. Fiz pesquisas, leituras, recolhi dados. E disso tudo recolhi ‘roteiros’ de viagens, de encontros, de perguntas principalmente. (OHATA, 2013, p.16).

Essa concepção, para mim, ajudou a confirmar que o contato com pessoas vítimas de abuso seria um diferencial. A partir desse momento, foi decidido coletar alguns depoimentos de histórias reais, mesmo que em pequena quantidade. O pensamento foi de que, mesmo esses relatos não sendo abordados no mesmo sentido que Coutinho (OHATA, 2013), os depoimentos dariam consistência de vivência, falando mais sobre realidade do que a pura percepção de alguém. Embora a construção do personagem protagonista seja baseada em fatos reais, a construção dos demais personagens é ficcional, assim como o contexto em que eles estão inseridos, o que afasta, por sua vez, a produção do curta-metragem proposto do gênero filme e do estilo de trabalhar de Coutinho.

Ohata (2013) também retrata em sua obra o debate no seminário “Ética e história oral”, coordenado por Daisy Perelmutter. Nesse evento, Coutinho, ao responder uma pergunta sobre ficção e documentário, faz as seguintes menções:

A ficção tem preocupações éticas ou desse tipo muito menores que o documentário; mas como resultado final as coisas se aproximam muito. Mais ainda, todo filme em si é, de certa forma, um documentário. Nada melhor do que um filme antigo ou um filme histórico, por exemplo – você vê um filme dos anos 1930 americano, ou qualquer um que seja, ou contemporâneo falando de Cleópatra ou o que seja – como um documentário de sua própria época de realização. (OHATA, 2013, p.39)

De fato, na trama, existe um ambiente de ficção para o *Reality Show* que não se compara com um contexto exatamente igual aos de programas do gênero já existentes, ainda que se possa fazer uma analogia com os mesmos. O ponto de maior importância é que, justamente, um único personagem, embasado em casos reais, vive um tema problemático da sociedade do ponto de vista de diferentes histórias e perspectivas.

Admite-se que “um documentário se define como apresentando seres ou coisas existindo positivamente na realidade afílmica” (SOURIAU, 1953, p. 7), enquanto a ficção tem o poder de criar mundos, mesmo se ele ou eles se assemelharem ao nosso. A realidade afílmica, isto é, a realidade “que existe no mundo habitual, independentemente de qualquer relação com a arte fílmica” é um mundo que pode ser verificado (dependendo dos conhecimentos do espectador do universo espaço-temporal em que vive), enquanto o mundo da ficção é um mundo em parte mental, que tem suas próprias leis (SOURIAU, 1953 p. 7). De maneira que o que sucede em tal ou qual narrativa fílmica e que nos parece verossímil pode parecer absurdo em outro. (SOURIAU, 1953 apud GAUDREAUT, 2009, p. 49)

Com efeito, a representação ficcional de ideias mais próximas da realidade possível, como o próprio nome “reality show” (show da realidade) indica, foi a intenção da produção. Comparando aos conceitos introduzidos por Gaudreaut (2009), a ficção tende ao documentário e, portanto, à “realidade afílmica”.

Vale ressaltar que a ideia não é qualificar o cinema puramente como uma máscara do real para as massas. Apesar de discutir um problema da sociedade, a trama trata de forma indireta histórias particulares que as tornam singulares e únicas e é nesse aspecto que, possivelmente, há um diálogo com o documentário, especialmente do jeito feito por Eduardo Coutinho (OHATA, 2013).

5.2.1 A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS

O processo de afinidade ou não-afinidade do espectador com personagens se dá pelo reconhecimento com a personalidade dos mesmos exposta dentro de uma trama. Não necessariamente pelo fato de essa personalidade exibir atitudes que demonstram ser as mesmas que o espectador toma em sua vida pessoal, mas por despertar nele sensações, seja de admiração ou de excitação ou mesmo por ter alguma característica excêntrica que ajuda a compor a narrativa.

Mais basicamente, os espectadores constroem personagens (um processo ao qual me refiro ao reconhecimento). Os espectadores também são alimentados com informação visual e “aural”, mais ou menos congruentes com aquelas disponíveis às personagens. Além do que, espectadores avaliam personagens baseando-se nos valores que eles incorporam e conseqüentemente formam mais ou menos simpáticas ou antipáticas aliança com eles. (SMITH, 2016, p.35)

SMITH (2016) propõe que narrações de ficção tenham três níveis de envolvimento com personagens. São tipos distintos de respostas normalmente confundidas com o termo “identificação”. Esses três níveis são chamados pelo autor de “Estrutura da Simpatia”, onde a narração é a força que gera reconhecimento, alinhamento e aliança. Cada conceito, em um sentido, descreve um tipo de sistema narrativo que se relaciona com personagem.

O reconhecimento descreve a construção do personagem para o espectador, a percepção de um conjunto de elementos textuais, em um filme tipicamente coerente em torno da imagem de um corpo, como agente humano individualizado e contínuo. O reconhecimento não nega a possibilidade de desenvolvimento e mudança, uma vez que se baseia no conceito de continuidade, não unidade ou identidade.

No roteiro proposto, essa fase se dá a partir da cena aérea inicial, em que se faz uma apresentação ao espectador de como vai acontecer o *Reality Show* seguida daquela em que Joca Ferraz reflete se vai participar ou não.

Na sequência, a fase do alinhamento é o processo em que os espectadores são colocados em relação aos personagens em termos de acesso às suas ações e o que esses personagens conhecem e sentem. Tem a ver com os valores de cada um dos espectadores.

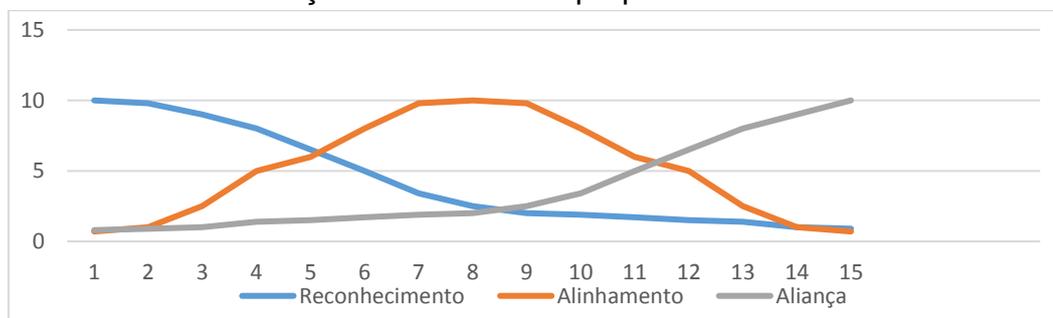
O curta-metragem coloca essa fase a partir das falas dos personagens Betina e Anastásia, já no contexto do *Reality Show*, incluindo a fala de Joca Ferraz.

A aliança é a avaliação moral e ideológica dos personagens pelo espectador. Nessa parte chegamos a uma aproximação real do que seria o senso comum para o termo “identificação”, onde o espectador, obviamente, se identifica com o personagem por estar em uma situação parecida em sua vida ou por já ter passado por algo parecido em algum momento.

Na construção do produto, essa fase (aliança) permeia toda a trama, pois já no alinhamento o protagonista Joca Ferraz introduz o espectador nos conflitos vividos por ele. Fica mais marcada na sua fala final, que mostra o clímax da trama, e induz o espectador a interagir com a força da mensagem transmitida sobre o abuso sexual infantil em si.

Em geral, as fases não têm limites totalmente definidos, coexistindo ao longo do filme em maior ou menor grau. O gráfico a seguir busca evidenciar como isso ocorre, segundo minha interpretação, no curta-metragem em tela.

Gráfico 1 – Inter-relação entre as fases propostas⁵



Fonte: Elaboração da autora.

No *Reality Show*, a construção dos personagens e, mais precisamente, a forma como eles mostram sua personalidade no decorrer da história, se dá dentro de uma apresentação. Não vemos os personagens agindo no cotidiano, por isso, as suas aparições foram pensadas buscando ressaltar não só o que eles dizem ser, mas sim o que eles mostram ser, por meio de poucas interações no momento da apresentação e, principalmente, por suas expressões corporais.

O objetivo de projetar os personagens na forma em que se apresentam, focando no momento atual, foi de "conduzir" as sensações do espectador colocando-o em um nível de maior interação com a ideia principal do curta, representada pelo tema abuso sexual infantil. Nesse contexto, os antecedentes das personagens que não se ligam diretamente ao assunto passam a um segundo plano.

No entanto, as personagens Anastácia e Betina, ainda que em segundo plano, não são meramente figuras decorativas. Na verdade, o escopo era de apresentar diferentes personalidades, naquele momento, que pudessem trazer novas propostas

⁵ O gráfico apresentado representa, no eixo das ordenadas, o grau hipotético absoluto de intensidade da fase naquele momento e, no eixo das abscissas, o tempo, em minutos, do transcurso do curta-metragem.

para a construção do *Reality Show*, pano de fundo do curta-metragem. Dessa forma, os personagens coadjuvantes enriquecem a trama, compondo todo o contexto em que se insere, também, o personagem principal.

O impacto maior fica reservado à narrativa em tempo atual, no *Reality Show*, do personagem protagonista Joca Ferraz, levando o espectador a se confrontar com o que ele viveu e que, na realidade, não é apenas a história dele, mais sim um apanhado de várias histórias de abuso sexual infantil, buscando mostrar que existem diferentes vivências e contextos em que isso acontece e, com isso, diferentes consequências em cada vítima, ainda que algumas sejam convergentes. Como responsável por trazer o tema abuso sexual infantil para a trama, não é necessário desenvolver características pessoais marcantes do Joca, buscando que o espectador se afeiçoe diretamente com quem ele é, uma vez que, ao assimilar a situação do ponto de vista do personagem, terá a possibilidade de entender o contexto que ele vive e, a partir disso, ter a capacidade de sentir, minimamente ou intensamente, o contexto dos acontecimentos da vida do protagonista como se fosse a sua própria.

6. METODOLOGIA

6.1 O Projeto

A ideia de realizar um curta metragem que abordasse o tema abuso sexual infantil surgiu, primeiramente, em minha vida pessoal. No ano de 2014 descobri que uma pessoa muito próxima havia vivido esse tipo de abuso na infância e tal relato marcou minha vida. Percebi, conversando com essa pessoa e vendo ela mesma afirmar, o quanto o abuso, apesar de terem se passado anos, ainda o afetava. Após esse relato, fiquei sabendo de algumas outras pessoas ao meu redor que tinham passado por isso. Esses acontecimentos foram marcantes, pois se antes não conhecia de perto vivências assim, passei a conceber que essa situação é mais comum do que tinha, por toda a vida, tomado conhecimento.

A partir dessa motivação, para criar um roteiro mais agregado de histórias reais, foram realizadas algumas entrevistas semiabertas com pessoas que viveram abuso sexual infantil que, por meio de um post divulgando a intenção do trabalho na rede social Facebook, se voluntariaram a ter uma conversa sobre o tema. Além das entrevistas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica.

A princípio, a ideia era criar um documentário com os indivíduos que forneceram esses relatos. Entretanto, foi constatado que entre alguns desses indivíduos, havia um receio totalmente compreensível de tornar públicas suas respectivas imagens. Esse fato não era um total empecilho para a realização de um documentário, levando em consideração que ainda assim existiam formas de fazer o curta nesse formato sem revelar a identidade dos indivíduos. No entanto, por ter um envolvimento maior com criações ficcionais e por me identificar mais com esse gênero, comecei a ter ideias do que, posteriormente, se tornou o roteiro do Reality Show.

O título do filme faz alusão aos programas do gênero, muito em voga na mídia, que, na minha opinião, mostram uma certa superficialidade, carecendo de discutir profundamente problemas reais da sociedade. Minha intenção foi “brincar” com o entendimento corriqueiro de um reality show - uma realidade superficial e fútil - mostrando sua face literal, pois realidade, a meu ver, vai mais além do que é mostrado nesses programas.

6.2 O Roteiro

Como mencionado, a elaboração do roteiro⁶ começou em conjunto com a realização de entrevistas semiabertas.

A lista do modelo de entrevistas semiabertas tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. As questões⁷, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do

⁶ Roteiro disponível no Apêndice 1 dessa memória.

⁷ Questões de referência para a entrevista semiaberta disponíveis no Apêndice 2 dessa memória.

entrevistado, da qualidade das respostas⁸, das circunstâncias da entrevista (DUARTE, 2009). Nesse procedimento, as perguntas são aprofundadas a partir da resposta dos entrevistados, em que as perguntas gerais vão dando origem a perguntas específicas.

Para tanto, foi feito um *post*⁹ em minha página pessoal do Facebook, onde explicava a pesquisa para as pessoas e buscava encontrar indivíduos que estavam dispostos a realizar uma entrevista sobre suas respectivas experiências. O *post*, apesar de ter sido realizado em minha rede social privada, estava em modo público, de forma que era possível ser compartilhado e visualizado por pessoas que não estavam, necessariamente, em minha página. A publicação teve repercussão de 139 curtidas, 48 compartilhamentos e 15 comentários.

Figura 1 – Postagem de vídeo no Facebook.



Após esse *post*, houve vários tipos de respostas. Algumas pessoas buscavam ajudar de alguma forma, outras já buscavam se disponibilizando para contar suas histórias. Ainda que houvesse gente de outros estados disponíveis para realizar a

⁸ Áudio das entrevistas disponíveis no Apêndice 5 em formato digital nessa memória.

⁹ *Post* disponível no link <https://www.facebook.com/patricia.tostes.52/posts/10212183130511276>

conversa, foram priorizados os encontros pessoais. Foram realizados oito encontros, com pessoas que foram vítimas de abuso sexual infantil, para a realização da entrevista semiaberta.

6.3 Entrevistas semiabertas – Análise Geral

As entrevistas foram realizadas em dois tipos de ambientes: Lanchonetes/Restaurantes ou Universidade. A ideia era que fossem locais em que o entrevistado se sentisse à vontade, então eu, como autora do *post* e do trabalho, sugeri locais públicos, de fácil acesso, embora desse liberdade para a pessoa ter um poder de decisão nessa escolha.

A gravação da entrevista foi realizada por um dispositivo móvel, com o consentimento dos entrevistados, que assinaram termo autorizando a gravação dos áudios, desde que seus nomes fossem resguardados. Por isso, no apêndice com os áudios dos depoimentos, separei as entrevistas identificando-as pelas letras A, B, C, D, E, F, G e H.

A proposta era que fossem entrevistas informais. Eu, como entrevistadora, busquei um posicionamento mais natural, como se estivesse em uma conversa com a pessoa, afim de deixá-la menos tensa para fazer o relato. Ainda assim, busquei ao máximo não colocar minhas opiniões para não interferir nas respostas dos entrevistados. Pelo método ser semiaberto, tive a possibilidade de fazer a entrevista de forma a somente seguir a ideia do roteiro, adotando ou não aquelas perguntas que estão grifadas como opcionais, dependendo de como estava fluindo a conversa em cada caso.

Os sentimentos e impressões de cada entrevista foram muito particulares. Houve um entrevistado que já era meu conhecido e que eu já sabia que tinha sido vítima. Nesse caso, em particular, antes de começar as entrevistas semiabertas, fiz uma entrevista aberta, para entender os pontos que eu poderia destacar no meu roteiro-base das demais entrevistas. Com ele, em específico, realizei tanto a aberta quanto, posteriormente, a semiaberta. Nessa entrevista aberta, principalmente, mais ainda do que nas outras, percebo que minha postura de perguntar exemplificando o que eu queria dizer com a pergunta, pode (não se sabe) ter influenciado, de alguma forma, na resposta dele. Após constatar isso, busquei tentar ao máximo não exemplificar o que eu queria dizer quando realizasse as perguntas nas demais entrevistas, no entanto, em alguns momentos acabei fazendo isso, acredito que, em partes, pela própria pessoa pedir “ajuda” para entender o que eu queria perguntar em suas expressões, como se quisesse que eu explicasse melhor. Como foi meu primeiro trabalho entrevistando e, ainda, tentando ser o mais natural possível, tive dificuldade em manter uma postura totalmente isenta no sentido de não fazer nenhum movimento que tenha a possibilidade de mudar a resposta do entrevistado.

Houve, também, pessoas conhecidas, mas que eu não sabia que tinham sido vítimas (cinco entrevistados) e pessoas desconhecidas (dois entrevistados). Deixo aqui, como observação, que o áudio do entrevistado “D”, apresentou falha e, por isso, não está completo, como os demais, no apêndice dessa memória. Os áudios são

relativamente longos, tendo, em média, entre dez e vinte minutos. Só foram realizados cortes em pouquíssimos momentos, em pausas demasiado longas, repetições ou citações que iriam expor o entrevistado de forma inadequada para a pesquisa.

Em suma, ainda que os contextos de cada depoimento fossem bem diferentes, alguns sentimentos foram convergentes. Citá-los nesse espaço, fora de contexto, soa, em minha concepção, um tanto quanto superficial, mas o faço como uma forma de constatação geral do que presenciei. Os sentimentos de culpa, de inocência perdida, de falta de confiança nas pessoas e de insegurança em relação ao outro e a si mesmo, foram muito mencionados. A culpa está presente, em grande parte, por ser considerada a possibilidade de que a vítima causou o abuso. Esse sentimento está ali porque o indivíduo se permitiu pensar que “deixou” que aquilo acontecesse e isso se intensifica quando a vítima percebe que, por ter sido estimulada, sentiu algum prazer. Em contrapartida, existe a sensação de ter pulado uma fase, de entender o sexo como algo sujo, de não ter vivido a infância como poderia. Como o abuso acontece, em boa parte dos casos, por pessoas de confiança, a consequência de desconfiança nas pessoas e insegurança nos relacionamentos, é quase inevitável.

6.4 Execução do curta metragem

6.4.1 Pré-produção

Equipe

A pré-produção do curta começou no recrutamento da equipe de produção. Esse recrutamento aconteceu tanto por buscas e indicações de pessoas que trabalham na área, quanto por pessoas que já eram conhecidas. A composição do time se deu por áreas de atuação.

FICHA TÉCNICA

Roteiro: Patrícia Tostes

Direção: Patrícia Tostes

Produção: Jane Blandina

Direção de Arte: Jane Blandina, Pamella Flores e Patrícia Tostes

Figurino: Jane Blandina e Shai Franci

Fotografia e Luz: Isis Aisha e Victor Morgado

Assistente de Fotografia: Leonardo Muniz

Som: Bernardo Moreira

Edição: Daniel Flores

Elenco: Joca Ferraz – Pedro Guimarães

Anastacia Barcelos – Ivna Vasconcelos

Betina Machado – Laysa Gladstone

Produtora Ana – Jane Blandina

Produtora Maria – Adriana Barbosa

Alguns atores também já eram conhecidos e outros foram indicação da produtora. Existiu uma audição prévia com o personagem principal Joca Ferraz interpretado por Pedro Guimarães e com a personagem Betina Machado interpretada pela atriz Laysa Gladistone, com a intenção de certificar de que eles se encaixariam no papel e se adaptariam ao texto, principalmente no caso do protagonista, que é o responsável por trazer o tema abuso sexual à tona, no filme.

Locação

Enquanto a equipe estava em construção, foi escolhida a locação principal, o Auditório Dois Candangos, da Universidade de Brasília. A escolha se deu tanto pelo local atender à necessidade de ser parecido com um teatro e ser um local de apresentação, quanto por ser de fácil acesso e sem custos de uso. Além dessa locação, houve cenas gravadas na área externa dos prédios da Faculdade de Educação e no estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. No entanto, a cena da rádio foi, posteriormente, retirada na pós-produção. Além disso, existiu a cena em uma casa, para simular uma pessoa assistindo ao *Reality Show*.

Ensaio Geral

A equipe foi formada, em grande parte, por pessoas que ainda não se conheciam. A dificuldade de uma reunião para o alinhamento das ideias, acabou resultando em um ensaio geral que aconteceu no dia 06 de maio, no Auditório Dois Candangos. Nesse ensaio, foram realizados testes de maquiagem, figurino, ensaio dos atores e, também, teste de iluminação.

Figuras 2 e 3 – Registros fotográficos do ensaio geral



6.4.2 Produção

Cronograma de gravações

As gravações começaram no dia 13 de maio de 2017, no Auditório Dois Candangos. No cronograma a gravação inteira da parte de dentro do Dois Candangos tinha previsão de acontecer nesse dia, para tanto a reserva do auditório estava programada para ter início 10h da manhã e final 21h da noite. No entanto, a

Universidade de Brasília ficou sem luz até 13h, o que acarretou em um atraso nas gravações. Como solução, foi decidido passar algumas cenas para o sábado seguinte, dia 20 de maio. Nesse dia, as cenas internas do auditório foram finalizadas e também foram realizadas as filmagens das cenas de locação externa. As edições com o material até então coletado começaram no dia 22 de maio.

Direção

Um dos primeiros pontos de decisão tomados na direção foi o de uma locação que propiciasse um ambiente favorável para uma cena dramática. A luz mais dura e focal traz esse teor de drama para a estética do filme, por trabalhar com recorte de expressões pela luz e sombra. Essa escolha foi tomada, em conjunto com a equipe de fotografia, justamente com a intenção de passar uma mensagem de que aquele momento de audição para um reality show, que poderia ser totalmente descontraído, tinha, posteriormente, algo a mais para revelar.

Quanto à personalidade dos personagens¹⁰, buscou-se refleti-la em seus comportamentos e, também, em suas roupas. A ideia mais desafiadora foi a do protagonista, por sua interpretação abranger várias histórias em um só personagem, em que ele não simplesmente conta tudo o que acontece com várias pessoas, mas busca, também, interpretar cada personalidade, como se ele trouxesse para si um pouco do que aquela pessoa sente ou sentiu no momento em que vivia aquilo. Outro desafio foi trabalhar a expressão corporal e facial do ator. Em alguns momentos era como se ele lembrasse daquilo que estava contando, outros momentos como se ele estivesse realmente vivendo aqueles relatos naquele e, ainda, em outros momentos sendo ele mesmo, tudo isso de forma discreta, mas capaz de ser percebida dessa maneira.

Fotografia e Direção de Arte

A direção de arte foi feita buscando o mínimo de elementos em cena pela busca de um cenário mais *clean* que condiz totalmente com um ambiente de audição, onde não são necessários muitos elementos para passar a mensagem principal do filme e que se adequou, também, para a situação de pouco recurso financeiro. Sendo assim, buscamos trabalhar mais nas roupas e na maquiagem dos personagens de acordo com suas personalidades.

Fazendo uma análise dos três personagens que mais aparecessem em cena, seus figurinos e maquiagens foram escolhidos assim:

- **Anastácia Barcelos:** Figurino mais típico de bailarina, com maquiagem mais discreta, que reflete sua personalidade de poucas palavras. Ainda que a roupa seja de bailarina, buscamos não variar muito as cores, para condizer com uma personalidade mais séria.
- **Betina Machado:** Uma maquiagem mais chamativa para uma pessoa nada discreta, essa foi a escolha para essa personagem. Buscando um figurino que ao mesmo tempo mostre uma pessoa aparentemente dócil, a

¹⁰ Descrição dos personagens disponível no Apêndice 3

maquiagem, em contrapartida, evidencia que existe nessa pessoa “dócil” grande vontade de chamar atenção.

• **Joca Ferraz:** Roupa mais simples, com variações de marrom para conversar com o cenário, como se ele já pertencesse aquele lugar. A maquiagem foi apenas de pele, buscando naturalidade, para realçar um personagem real, que quis falar sobre um problema da sociedade em sua audição.

A fotografia foi pensada buscando manter a proposta *clean*, em harmonia com a direção de arte. Dessa forma, os enquadramentos foram mais “limpos” de informação, buscando evidenciar o que realmente importava no momento do quadro: movimento corporal do personagem ou expressão facial.

A luz artificial presente no ambiente de apresentação é dura, trazendo dramaticidade e dando ênfase em quem está no palco se apresentando. As luzes foram mostradas propositalmente como composição do cenário com o intuito de evidenciar que aquilo era uma gravação de programa.

6.4.3 Pós-produção

A montagem

A edição começou no dia 22 de maio de 2017. Essa etapa buscou concretizar todos os elementos anteriormente mencionados, cuidando de aspectos como montagem, tratamento das cores e transições. A montagem foi bem fiel ao que tínhamos em mente no momento da gravação. No entanto, um ponto que merece observação é o da falta de planos de reação dos figurantes e das personagens que interpretam as produtoras do *Reality Show* durante a fala do Joca. Tentamos gravar esses planos posteriormente, mas não foi possível pelo auditório estar ocupado nesses dias. Acredito que tais planos iriam conferir mais ritmo durante a apresentação dele, assim como conferir mais emoção para a cena.

A cor pode ter influência no humor. Ao adotar uma paleta de cores dessaturada, além de deixar a atmosfera um pouco mais quente, a intenção foi de passar uma representação da sociedade pouco ligada aos problemas reais. Ao mesmo tempo, busca passar uma sensação de certeza e de nobreza do protagonista Joca Ferraz em fazer o que deseja e trazer os espectadores de volta para um dos problemas reais da sociedade.

As transições foram feitas, de forma geral, com cortes secos. Foi considerada a possibilidade de realizar, na pós-produção, como solução por não ter conseguido gravar mais reações dos figurantes na cena de apresentação do protagonista, uma transição diferente, com o intuito de conferir mais ritmo para a sequência de planos da narrativa. No entanto, essa solução não funcionou como o esperado. Sendo assim, decidimos manter os cortes secos, adotando como transição os planos de apoio disponíveis, quando possível.

7. CONCLUSÃO

O assunto abordado neste trabalho é realmente vasto e complexo, por afetar o íntimo das relações interpessoais e a essência da sociedade, atingindo, em grande parte, seu elo mais elementar, a família.

A representação do tema pela produção de um curta metragem, em um primeiro momento, abriu opções de abordá-lo dentro de dois gêneros cinematográficos: ficção ou documentário. Essa dúvida inicial surgiu, como mencionado no decorrer do trabalho, pelo fato de ser o documentário a modalidade natural, de acordo com o senso comum, considerando a natureza do assunto estudado.

Fugindo desse senso comum, a opção adotada foi de realizar uma ficção, cuja fala do protagonista foi inspirada por entrevistas reais. Esse formato, ao meu ver, funcionou bem como uma solução para englobar várias histórias e criar uma abordagem original. Isso instiga o espectador que, quando não conhece a proposta inicial da trama e a história de sua criação, vai desvendando o que o protagonista tem a dizer no transcorrer do curta-metragem, descobrindo, ao final, que há várias histórias em um personagem, essa característica tem potencial ser uma experiência intrigante para o espectador.

Por outro lado, a fase de coleta de subsídios por meio das entrevistas, para mim, deu o caráter mais especial para o trabalho, ainda que, principalmente no começo dessa investigação, tenha sido muito difícil lidar com esse tema. Ao final, percebo que a experiência com relatos reais, de pessoas de carne e osso, vai muito além de visualizar os fatos em larga escala (também chocantes), que tendem a generalizar problemas com consequências tão particulares e profundas, ainda que não se possa desprezar as convergências levantadas nos estudos estatísticos sobre o tema.

Por sua vez, o processo de filmagem foi um desafio. Afinal de contas, foi o primeiro curta-metragem que dirigi. Mesmo tendo experiência com fotografia estática e criação de vídeos, a direção de um curta não é a mesma coisa. Nesse ponto, entendo que a escolha foi feliz por ter agregado valor à minha formação acadêmica, proporcionando a oportunidade de exercitar o principal papel da comunicação, qual seja, transferir a informação de forma eficiente. Ainda assim, tenho consciência que tenho um longo caminho de aprendizado e experiências por viver com trabalhos audiovisuais, mais especificamente.

Finalmente, este trabalho, sem a pretensão de esgotar o assunto, enseja contribuir para que se mantenha a discussão sobre o tema “abuso sexual” em suas diversas modalidades, e, especialmente, lançar luzes sobre as violências praticadas contra nossas crianças e adolescentes, sementes de uma sociedade futura que queremos que seja mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADED, Naura Liane de Oliveira; DALCIN, Bruno Luís Galluzzi da Silva; CAVALCANTI, Maria Tavares; DE MORAES, Talvane Marins. **Abuso sexual em crianças e adolescentes**: revisão de 100 anos de literatura. Revista de Psiquiatria Clínica, Vol. 33, n.º 4. São Paulo-SP: USP, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: < <http://www.presidencia.gov.br> >. Acesso em: 1.º de junho de 2017.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em:< <http://www.presidencia.gov.br> >. Acesso em: 1.º de junho de 2017.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ª Edição. Rio de Janeiro-RJ, Editora Atlas, 2009.

GABEL, Marceline. **Crianças vítimas de abuso sexual**. 2.ª Edição. Traduzido por Sonia Goldfeder. São Paulo-SP, Editora Summus, 1997.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; VAGLIATI, Ana Carla 2014 **A identificação da violência sexual em crianças e adolescentes no espaço escolar**: limites e possibilidades de enfrentamento na voz dos professores. Cascavel-PR: Universidade Federal do Oeste do Paraná, 2014. Disponível em:< http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/1300-0.pdf>. Acessado em 18 de junho de 2017.

GAUDREAUT, André; JOST, François; MÜLLER, Adalberto; MARCONDES, Ciro Inácio; FALEIROS, Rita Jover. **A narrativa cinematográfica**. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 2009.

HUH, Diana Myung Jin. **Consequências do abuso sexual infantil no desenvolvimento da criança**: contribuições da teoria psicanalítica. São Paulo-SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. Disponível em http://mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/psi/diana_myung.pdf. Acesso em 18 de junho de 2017.

MARRA, Marlene Magnabosco. **Conversas criativas e abuso sexual**: uma proposta para o atendimento psicossocial. São Paulo-SP: Agora, 2016

OHATA, Milton. **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SMITH, Murray. **Character and Emotional Response in the Cinema**. Austin, Texas, EUA: University of Texas Press: 2016.

WEISELFISX, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: Crianças e Adolescentes do Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: UNESCO, 2012. Disponível em:<
http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf>. Acessado em 18 de junho de 2017.

APÊNDICES

1. ROTEIRO

"REALITY SHOW"

Um roteiro de Patrícia Pereira Tostes

"REALITY SHOW"

FADE IN:

EXT. RUAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DIA

TITA (V.O)

O Reality Show é um programa diferente de todos os outros desse gênero já existente. Nele, os participantes, junto com os produtores do programa vão elaborar qual será sua temática principal, assim como suas regras. A proposta é que seja realmente um Reality Show, ou seja, um espetáculo da realidade em que os participantes coloquem o que eles vão escolher mostrar. Hoje é o dia da audição com os finalistas da região centro-oeste. Acompanhe a transmissão ao vivo.

EXT. PRÉDIO VOLTADO PARA A NATUREZA - DIA

JOCA (V.O)

Essa última fase é muita exposição...
Eu não sei se eu quero isso.

Pausa

Não, mas não é só por mim.

EXT. CORREDORES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DIA

JOCA (V.O)

Eu tenho que ir.
É exatamente de alcance que
a gente precisa.

INT. AUDITÓRIO DOIS CANDANGOS - DIA

Joca chega atrasado no comecinho da introdução da audição.

Um grupo de oito pessoas jovens se encontram na sala, em seus respectivos lugares. A sala tem cadeiras com um aspecto mais antigo.

Ana e Maria, as produtoras, são as únicas que permanecem em pé ao canto do auditório, dando as primeiras orientações.

ANA

Chamarei por ordem alfabética os nomes de cada pessoa para a sua apresentação, sendo essa apresentação livre, realmente livre. Vocês podem só falar ou demonstrar alguma habilidade. Estou apenas reforçando, pois acredito que vocês já estão informados como vai funcionar.

MARIA

Sendo assim, a primeira é Anastácia Barcellos, pode se dirigir para a frente da sala.

As duas produtoras sentam e a menina se levanta, indo até a frente da sala.

ANASTÁCIA

Olá, meu nome é Anastácia e eu tenho 22 anos. Eu estive pensando e o que eu mais sei fazer é dançar, então eu vou mostrar uma performance minha de dança. Acho que um reality show baseado no talento das pessoas seria uma proposta interessante, entende? Menos superficial e mais profissional. Então, vou começar.

Ela dança ballet por um minuto

ANASTÁCIA

Acho difícil mostrar minha personalidade em um teste como esse, mas sou capaz de mostrar o que sei fazer e acredito que isso já diz muito.

MARIA

Isso é tudo Anastácia?

ANASTÁCIA

Sim!

MARIA

Certo. Próximo é: Betina Machado

Betina se levanta e vai até a frente da sala

BETINA

Olá, meu nome Betina, como vocês já sabem, né!

Então, o que eu penso sobre um Reality Show, sendo honesta, é que ele tem que ter confusão, pegação, conflitos e tudo isso. E sem querer confrontar nem nada a minha colega Anastácia

Ela olha para Anastácia

Mas habilidades não contam muito quando você consegue atrair a atenção para si de jeitos muito mais efetivos. Eu poderia falar que esse seu cabelo é muito sem graça

Aponta para uma menina que revida com um olhar ameaçador e Betina fala depressa

Mas claro que você não está e não quero te ofender, apenas quis dar o exemplo do quanto é simples chamar a atenção de toda esse ambiente para mim. Obviamente eu não acredito que esse tipo de atitude seja admirável e adequada para ser adotada durante o programa inteiro. No entanto seguindo algumas orientações e um roteiro base, tornaria o programa, ao meu ver, bem mais interessante. Como podem perceber, em poucos minutos, consegui chamar a atenção de vocês sem fazer nada de especial, apenas instigando algumas pessoas nessa sala. Me perdoem se ofendi a alguém, mas esse é o ponto que eu queria chegar. Isso é tudo.

ANA

Certo! O Próximo é: Joca Ferraz

Joca levanta da cadeira, vai até a frente da sala. Olha para todas aquelas pessoas. Fica em silêncio por alguns segundos. Ele está tremendo levemente a mão.

JOCA

Sabe, eu sou ator... Mas esse momento aqui diz respeito a quem eu represento.

Pequena Pausa

Mas não a quem eu sou. Eu sou, na verdade, um plural de uma voz silenciosa que tenta ser ouvida.

JOCA

Eu sou o menino que aos 10 anos assistia dezenas de filmes e lia dezenas de livros para

tentar criar uma personalidade em cima daquilo
que eu queria esconder

Mas eu sou também a menina que aos 15 anos
começou a viver momentos em que as amigas me contavam
sobre o que era estar tendo o primeiro
contato sexual, mas essas conversas me faziam
me sentir culpada e desconfortável.
Por que eu deixei aquilo acontecer tão cedo?

Muitas e muitas vezes eu me senti e confesso
que ainda sinto diferente de todo mundo ao meu redor,
como se eu tivesse pulado uma fase, vivido algo
que não era pra ser vivido naquele momento.
Fui usado no sentido mais literal da palavra.

Joca puxa três cadeiras e senta em uma delas

Eu me lembro de estar na mesma sala
que aquele homem
Joca aponta para uma cadeira

E meu pai estar junto conosco

Aponta para a outra cadeira

E de ter receio de meu pai descobrir.
Aquilo me apavorava porque eu tinha
medo da reação dele.

Eu me lembro de tentar contar. Mas e se ninguém
acreditasse em mim? E se a culpa fosse minha?
É, a culpa ocupa espaço dentro de nós.

Joca se levanta e afasta as cadeiras e se posiciona no centro
do palco

Eu sou aquele que foi vítima quando pequeno,
aprendi com toda aquela cena que ele fez e
reproduzi pouco tempo depois igualzinho.

Eu sei não tinha plena consciência
do que estava fazendo, mas aquilo mexeu comigo
porque eu sei que o meu ato também
teve consequência na vida desse outro menino.

O que? Me culpa agora?
Como se não fosse suficiente o que eu já me culpo.

Eu não estou trazendo esse assunto à tona

para falar que abusados também se tornarão
abusadores, não existe uma fórmula de determinar
quem é ou vai se tornar um abusador.
E tudo que nós menos precisamos é de mais um
rótulo assim nas nossas vidas.

O que eu quero dizer, é que criança aprende,
criança imita, o que se acontece com um adulto
já gera marcas nele, mas o que acontece com uma
criança gera consequências em sua formação
como ser humano.

Joca encara um menino na público da audição e fala diretamente
para ele

Joca dá alguns passos arrastados pela sala olhando para os
pés, então ergue a cabeça

Pequena Pausa

Mudança de expressão corporal

Eu sou um homem que foge de contato sexual,
sabe, não sei se por medo ou por simplesmente
me sentir desconfortável. No entanto,
eu também sou um homem muito sexual.
Confuso, né?

Joca encontra encara a câmera na sala de audição e fixa o olho
nela

JOCA

Sim, são vários eus.

Não apenas o meu eu, mas essas histórias trazem
alguns que, assim como eu, sofreram
abuso sexual na infância.

Cada pessoa carrega uma consequência dentro de si,
às vezes, reações opostas, mas muitas vezes
reações iguais.

O abuso sexual infantil é consequência de
uma sociedade que se faz cega.

Eu represento milhões de vozes.

FADE OUT.

2. ROTEIRO BASE - ENTREVISTAS SEMIABERTAS

Quais pensamentos passam pelo sua cabeça ao se lembrar do momento do abuso?

O que o abuso te tirou de mais valioso?

Como você idealizaria o relacionamento ideal com essa pessoa que te abusou (caso ela não tivesse cometido o abuso)? (Pergunta opcional)

Quais as principais consequências você percebe na sua personalidade e na sua forma de ver o mundo que são, na sua percepção, decorrência do abuso?

O abuso influenciou nos seus relacionamentos amorosos?

Como você sente que a sociedade te enxerga na forma de alguém que sofreu abuso?

Se você pudesse fazer algo para mudar essa realidade no Brasil ou no mundo. O que você faria? (Pergunta opcional).

3. FICHA DOS PERSONAGENS

Caracterização do Personagem	
Ator	Ivna Vasconcelos
Personagem	Anastácia Barcelos
Personalidade do personagem	Confia em si e em suas habilidades. É calma, trata com respeito as pessoas ao seu redor, mesmo sendo competitiva.
Sapato	37/38
N Calça	40/42
N Camisa	P/M
Descrição Make up	Pele + Delineado branco
Acessórios	-
Referência	

Caracterização do Personagem	
Ator	Laysa Gladistone
Personagem	Betina Machado
Personalidade do personagem	Betina é uma garota que gosta de chamar atenção. Ao mesmo tempo que tenta ser fofo, gosta de alfinetar, mas ainda assim tenta parecer ser amiga e se preocupar com todos .
Sapato	37
N Calça	36
N Camisa	P/M
Descrição Make up	Pele Rímel Sombra forte combinando com roupa
Acessórios	-
Referências	

Caracterização do Personagem	
Ator	Pedro Guimarães
Personagem	Joca Ferraz
Personalidade do personagem	<p>Uma das principais características de Joca é a coragem. Mas, apesar de ser corajoso, é também ansioso. Sua ansiedade é mais visível, naturalmente, para quem o conhece em situações tensas (atuar para ele não é uma situação tensa, mas no caso de sua performance para a audição do <i>Reality Show</i>, abrange mais que uma atuação). A coragem dele fica mais destacada porque, mesmo sofrendo de ansiedade, ele não deixa que ela o paralise.</p> <p>A sensação de Joca é que ele é um ponto fora da curva quando se trata de sua vida artística (especificamente), porque enquanto todos lutam para aparecer, falam alto e querem mostrar sempre quem são, Joca é mais discreto, não é tímido, mas não gosta de forçar a barra e só fala quando sente que tem algo para falar ou que realmente valha a pena ser dito.</p>
Personalidade dos personagens interpretados por Joca	<p>1.Na interpretação, Joca será, na sua primeira fala, ele mesmo. (vencendo aquele momento que não era simplesmente uma atuação, mas sua própria realidade. Por isso ele começa nervoso, mas depois toma mais forma e confiança em sua fala.)</p> <p>2.Na fala seguinte, Joca irá mudar sua expressão corporal de homem corajoso, para o do menino curioso que estava se construindo como “ser” se baseando em referências para construir sua própria realidade.</p> <p>3.A menina se sentia desconfortável quando percebia que tudo que outras pessoas da sua idade estavam vivendo, ela já tinha vivido.</p> <p>5.Na fala seguinte, ele interpreta uma menina que se sente confusa, mas que apesar de confusa é indignada com a situação. Ele olha para as pessoas da audição e para si mesmo se comparando com eles e falando que se sente diferente deles.</p> <p>6.O menino se lembra de quando tinha medo de que o pai descobrisse quando ele estava na sala com o abusador e o pai. Na interpretação, ele faz esse menino se lembrando dessa cena, como se estivesse mais do que contando como foi, mas sim levando todos para essa memória junto com ele.</p>

	<p>7. Após terminar a lembrança, ele fala sobre culpa novamente sendo puramente o Joca, encarando o público.</p> <p>8. Na cena do abusado que vira abusador, Joca vive um menino que mostra que ele reproduziu esse ato de abuso, mas que deixa claro que isso não acontece com todas as pessoas que são abusadas. O que esse menino quer mostrar é que as atitudes praticadas contra uma criança geram consequências ainda mais profundas que contra um adulto, porque dali até que eles tomem consciência do que lhe fizeram, eles podem repetir esse ato ou levar (como sempre levam) sequelas fortíssimas para suas vidas.</p> <p>9. Interpreta uma menina que não é muito sexual e logo em seguida outra menina que é muito sexual. Ele diz que é uma menina não muito sexual, mas depois para e pensa novamente, como se tivesse se analisando e se lembra que TAMBÉM é a outra menina que é super sexual. (são vários eus, por isso esse contradição)</p> <p>10. Joca encontra a câmera. Dessa cena em diante, Joca interpreta puramente o Joca.</p>
Sapato	42
N Calça	40
N Camisa	G
Acessórios	-
Descrição Maquiagem	Pele Cabelo preso
Referências	

4. DECUPAGEM

DECUPAGEM – REALITY SHOW

Cena 1 - EXT. Universidade de Brasília - DIA

*Abertura com explicação do Reality Show	Plano 1 - Cena Aérea da Universidade
--	--------------------------------------

Cena 2 - EXT. Corredores da Universidade de Brasília - DIA

Joca (V.O) Essa última fase é muita exposição...Eu não sei se eu quero isso.Não, mas não é só por mim.	Plano 1 - Médio – Joca sentado
Eu tenho que ir. É exatamente de alcance que a gente precisa.	Plano 2 – Médio Lateral – <i>travelling</i>

CENA 3 - INT. TEATRO DOIS CANDANGOS – DIA

Joca entra no auditório da audição atrasado	Plano 1 – detalhe nas pernas (opcional)
	Plano 2 – primeiro plano – entrando no auditório

CENA 4 - INT. AUDITÓRIO DOIS CANDANGOS – DIA

Candidatos sentados em suas respectivas cadeiras, Joca chega atrasado. ANA Chamarei por ordem alfabética os nomes de cada pessoa para a sua apresentação. Cada candidato tem no máximo dez minutos para se apresentar, sendo essa apresentação livre, realmente livre. (...)	Plano 1 – Primeiro plano - Sequência – Frontal (steadycam)
MARIA Sendo assim, a primeira é Betina Barcellos, pode se dirigir para a frente da sala. As duas produtoras sentam e a menina se levanta, indo até a frente da sala.	Plano 3 – Médio – de nuca – orientadoras de costas, candidatos frontal.

CENA 5 - INT. AUDITÓRIO DOIS CANDANGOS – DIA

ANASTÁCIA Olá, meu nome é Anastácia e eu tenho 22 anos.	Plano 1 – PP– Frontal (câmera 1)
--	----------------------------------

<p>ANASTÁCIA Eu estive pensando e o que eu mais sei fazer é dançar, então eu vou mostrar uma performance minha de dança. Acho que um reality show baseado no talento das pessoas seria uma proposta interessante, entende? Menos superficial e mais profissional. Então, vou começar.</p>	<p>Plano 2 – Meio PP – frontal (câmera 1)</p> <p>*Cena inteira da fala com plano 1 e depois plano 2</p>
<p>ANASTÁCIA dança ballet por um minuto</p>	<p>Plano 2 – plano médio – frontal (câmera 1)</p> <p>Plano 3– plano médio – ¾ - contra plongé (câmera 2)</p> <p>Plano 4 – Plano médio – ¾ - normal (câmera 2)</p>
<p>ANASTÁCIA Acho difícil mostrar minha personalidade em um teste como esse, mas sou capaz de mostrar o que sei fazer e acredito que isso já diz muito.</p>	<p>Plano 5 – Mpp - frontal</p>

CENA 5 - INT. AUDITÓRIO DOIS CANDANGOS – DIA

<p>BETINA Olá, meu nome é Betina, como vocês já sabem, né! Então, o que eu penso sobre um Reality Show, sendo honesta, é que ele tem que ter confusão, pegação, conflitos e tudo isso. E sem querer confrontar nem nada a minha colega Anastácia. (...)</p>	<p>Plano 1 – MPP – frontal (câmera 1)</p> <p>Plano 2 – PM - ¾ (Câmera 2)</p> <p>*toda a fala dela.</p>
<p>BETINA olha para ANASTÁCIA</p>	<p>Plano 3 – PM – de nuca (mostra Anastácia)</p>
<p>BETINA Mas habilidades não contam muito quando você consegue atrair a atenção para si de jeitos muito mais efetivos. Eu poderia falar que o seu cabelo é muito sem graça.</p>	<p>Plano 3 – PM – de nuca</p>
<p>Aponta para uma menina mais cheinha a sua frente que revida com um olhar ameaçador e BETINA fala depressa</p>	<p>Plano 4 – PP - (mostra garota)</p>

BETINA	
Mas claro que você não é e não quero te ofender, apenas quis dar o exemplo do quanto é simples chamar a atenção de toda esse ambiente para mim. Obviamente eu não acredito que esse tipo de atitude seja admirável e adequada para ser adotada durante o programa inteiro. (...)	Plano 5 – PP – frontal

CENA 7 - INT. AUDITÓRIO DOIS CANDANGOS – DIA

JOCA	
Sabe, eu sou ator... Mas esse momento aqui diz respeito a quem eu represento.	Plano 1 – PP – frontal ¹ (Câmera 1)
Pequena Pausa	Plano 2 – MPP – Frontal ¹ (Câmera 2)
Mas não a quem eu sou. Eu sou, na verdade, um plural de uma voz silenciosa que tenta ser ouvida.	¹ (Até pegar as cadeiras)
	Plano 3 – Plano conjunto – frontal ² (Câmera 1)
	² Toda a cena
	Plano 4 – PM – $\frac{3}{4}$ (Câmera 2) ¹
JOCA	
Eu sou o menino que aos 10 anos assistia dezenas de filmes e lia dezenas de livros para tentar criar uma personalidade em cima daquilo que eu queria esconder	
Mudança na expressão de Joca	Plano 1/2/3/4
Mas eu sou também a menina que aos 15 anos começou a viver momentos em que as amigas me contavam sobre o que era estar tendo o primeiro contato sexual, mas essas conversas me faziam me sentir culpada e desconfortável.	*ou seja, um take com o plano 1 e 2.
	Outro take com o plano 3 e 4.
Pausa	
Por que eu deixei aquilo acontecer tão cedo?	
Mudança na expressão corporal de Joca	

<p>Muitas e muitas vezes eu me senti e confesso que ainda sinto diferente de todo mundo ao meu redor, como se eu tivesse pulado uma fase, vivido algo que não era pra ser vivido naquele momento. Fui usado no sentido mais literal da palavra.</p>	
<p>Joca puxa três cadeiras e senta em uma delas</p> <p>Mudança na expressão corporal de Joca</p> <p>Eu me lembro de estar na mesma sala que aquele homem</p> <p>Alex aponta para uma cadeira</p> <p>E meu pai estar junto conosco</p> <p>Aponta para a outra cadeira</p> <p>E de ter medo de meu pai descobrir. Aquilo me apavorava porque eu tinha medo.</p> <p>Eu me lembro de tentar contar. Mas e se ninguém acreditasse em mim? E se a culpa fosse minha? É, a culpa ocupa espaço dentro de nós.</p>	<p>Plano 3*</p> <p>Plano 6 – MPP – frontal (joca de frente, cadeiras de costas)</p>
<p>Joca se levanta e afasta as cadeiras e se posiciona no centro do palco</p>	<p>Plano 3*</p>
<p>Mudança na expressão corporal de Joca</p> <p>Eu sou aquele que foi vítima quando pequeno, aprendi com toda aquela cena que ele fez e reproduzi um tempo depois igualzinho. Eu ainda era uma criança quando eu reproduzi o ato e o outro menino era uns anos mais criança que eu.</p> <p>Eu sei não tinha plena consciência do que estava fazendo, mas aquilo mexeu comigo porque eu sei que o meu ato também teve consequência na vida desse outro menino.</p> <p>O que? Me culpa agora? Como se não fosse suficiente o que eu já me culpo, nessa parte da história não apenas como criança vítima, mas como criança que abusou.</p>	<p>Plano 3*</p> <p>Plano 7 – PP – frontal (Câmera 1)</p> <p>Plano 8 – MPP – Frontal (Câmera 2)</p> <p>Plano 9 – PM – ¾ - normal ou plongé</p>

<p>Eu não estou trazendo esse assunto à tona para falar que abusados também se tornarão abusadores, não existe uma fórmula de rotular quem é ou vai se tornar um abusador. E tudo que nós menos precisamos é de mais um rótulo assim nas nossas vidas.</p> <p>O que eu quero dizer, é que criança aprende, criança imita, o que se acontece com um adulto já gera marcas nele, mas o que acontece com uma criança gera consequências em sua formação como ser humano.</p>	
<p>Joca dá alguns passos arrastados pela sala olhando para os pés, então ergue a cabeça</p> <p>Pequena Pausa</p> <p>Mudança de expressão corporal</p> <p>Eu sou um homem que foge de contato sexual, sabe, não sei se por medo ou por simplesmente me sentir desconfortável. No entanto, eu também sou um homem super sexual.</p>	<p>Plano 7 – PP – frontal (Câmera 1)</p> <p>Plano 8 – MPP – Frontal (Câmera 2)</p> <p>Plano 9 – PM – $\frac{3}{4}$ - normal ou plongé</p>
<p>Joca encontra encara a câmera</p> <p>Hey, pessoas</p>	<p>Plano 9 – PM – $\frac{3}{4}$ - normal ou plongé</p>
<p>Sim, são vários eus</p> <p>Não apenas o meu eu, mas essas histórias trazem alguns que, assim como eu, sofreram abuso sexual na infância (...)</p>	<p>Plano 7 – PP – frontal (Câmera 1)</p> <p>Plano 8 – MPP – Frontal (Câmera 2)</p> <p>Plano 9 – PM – $\frac{3}{4}$ - Normal ou plongé</p>

5. ENTREVISTAS GRAVADAS EM ÁUDIO

Integra esta memória arquivos digitais gravados em áudio das entrevistas, armazenados em *Pen Drive*.